

3.5

Transição para a parentalidade: Uma revisão sistemática da literatura

Martins, Cristina Araújo

Assistente do 2º Triénio – Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho
e-mail: cmartins@ese.uminho.pt

Palavras-chave | Keywords

Transição; parentalidade; primeiro ano

Transition; parenthood; first year.

Resumo

Tornar-se pai ou mãe é uma transição crítica porque é permanente e tem implicações na saúde dos Pais e desenvolvimento das crianças. É um desafio de grande responsabilidade, pela complexidade de competências e saberes necessários, mas nem todos vivem este processo socialmente apoiados.

Falta investigação que descreva as experiências parentais durante o 1º ano de vida da criança, período basilar no seu crescimento/desenvolvimento, em que acontecem profundas alterações nos papéis sociais do casal, acompanhadas de necessidades de redefinição e reorganização de projectos de vida, com padrões de prestação de cuidados que podem influenciar a futura interacção Pais-criança. O conhecimento e a compreensão destas experiências são fundamentais para podermos apoiar os Pais.

Revisão sistemática da literatura orientada pela questão de investigação “Qual a experiência de transição para o exercício do papel parental durante o primeiro ano de vida da criança?”. Efectuadas pesquisas na EBSCO e B-ON e utilizada metodologia PI[C]OD na selecção dos estudos; foram incluídos 17 estudos que descreviam as experiências da mãe e/ou pai, e excluídos estudos com Pais adolescentes, doentes, crianças doentes e/ou hospitalizadas e limitados às experiências do 1º mês pós-natal.

Os resultados evidenciam que o nascimento de uma criança acrescenta stress substancial, custos no bem-estar e mudanças nos estilos de vida dos Pais. Os casais incorporam novas identidades e papéis, tornam-se mais tradicionais na divisão de tarefas, aumentam os conflitos e diminui a satisfação marital.

Não foram encontrados modelos integradores explicativos desta transição, permanecendo por esclarecer muitas questões da vida dos Pais, que importa investigar.

Abstract

Becoming a father or a mother is a transition especially critical because it's permanent and has implications not only in the parents' own health but also in the children's health and development. Is a challenge of great responsibility, due the complexity of necessary competences and knowledge, but not everyone lives this process socially supported.

There's lack investigation concerning the parental experiences during the child's first year, period basilar in its growing/development, when the greatest changes in the social roles of the couple happen, along with needs of redefinition and reorganization of life projects, with caregiving patterns that can influence the future parent-child interaction. The knowledge and understanding of these experiences are essential for us to support parents.

Systematic literature review orientated by the investigation question "*What is the experience of transition into the parental role practice like during the child's first year?*". Effectuates researches on EBSCO e B-ON and used PI[C]OD methodology on the studies' selection; 17 studies that described the mother and/or father's experiences were included, and excluded studies with teenager and ill parents, ill and/or hospitalized children and limited to the 1st pos-birth month's experiences.

The results show that the birth of a child adds substantial stress, costs in the well-being and changes in the lifestyles dos parents. The couples incorporate new identities and roles, become more traditional in their work division, increase their conflicts and the marital satisfaction becomes lower.

No integrator and explicative models of this transition were found, remaining unclear many questions of parents' life, which are important to deepen.

Introdução

Apesar da transição para a parentalidade ser uma experiência comum, há falta de pesquisa que se foque na descrição das experiências parentais durante o 1º ano de vida da criança. A investigação tem enfatizado preferencialmente a relação entre variáveis parentais e competências das crianças, dedicando pouca atenção às múltiplas dimensões e especificidades da parentalidade (Holden e Miller, 1999).

Todas as transições são responsáveis por alterações na vida das pessoas e têm implicações na sua saúde e bem-estar, mas tornar-se pai ou mãe é uma transição especialmente crítica porque é permanente e o grau de sucesso com que é realizada tem implicações não só na saúde dos próprios Pais como também na saúde e desenvolvimento das crianças (Mercer, Ferketick, e DeJoseph, 1993). Criar uma criança é provavelmente o maior desafio de responsabilidade que um progenitor tem de enfrentar, mas actualmente nem todos vivem este processo socialmente apoiados, o que pode comprometer o positivo exercício do papel parental, nomeadamente pela complexidade de competências e saberes necessários para cuidar, proteger, desenvolver a afectividade e a socialização da criança.

Apesar deste papel parental se modificar de acordo com as fases de crescimento e desenvolvimento da criança, o 1º ano de vida é basilar no seu crescimento e desenvolvimento (Vagerö, 1997) e os primeiros padrões de prestação de cuidados têm, não raras vezes, tendência a persistir e influenciar a interacção futura dos Pais com a criança (Lee e Brage, 1989). Além disso, é talvez também neste período que maiores alterações nos papéis sociais do casal acontecem, acompanhadas de necessidades de redefinição e reorganização de projectos de vida. Conhecer e compreender as experiências parentais é particularmente importante para os enfermeiros poderem apoiar os Pais durante a parentalidade, na busca de uma transição bem sucedida.

Metodologia

Estudo de revisão sistemática da literatura orientado pela questão de investigação: *Qual a experiência de transição para o exercício do papel parental durante o primeiro ano de vida da criança?*, que procura sistematizar o estado de conhecimento sobre o processo de se tornar um pai ou uma mãe.

Para a selecção de estudos recorreu-se à pesquisa em bases de dados electrónicas via EBSCO HOST e B-ON, em torno dos conceitos-chave *Parentalidade* e *Transição*, integrados na expressão de pesquisa: *TITLE (parenthood or parenting or parental role) AND (transition or new role or role transition or role change)*. Os estudos identificados (422 na EBSCO HOT e 142 na B-ON) foram seleccionados por critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, à luz do método PI[C]OD: Participantes (e situação clínica), Intervenção, Resultados (*Outcomes*) e Desenho (tipo de estudo). Estudos que descreviam as experiências dos pais, mães ou Pais no 1º ano de vida da criança foram incluídos, quer se tratasse de Pais experientes ou Pais pela primeira vez. Foram excluídos os estudos com Pais adolescentes, crianças doentes e/ou hospitalizadas, Pais doentes e estudos limitados ao 1º mês de vida da criança. Não foram impostos critérios de seriação quanto à natureza da abordagem metodológica dos estudos, resultando um total de 17 estudos seleccionados.

Análise e discussão de resultados

O impacto individual e conjugal desta transição e os factores determinantes do desempenho parental serão analisados e discutidos em torno de vários subtemas.

Características da criança

A adaptação e alguns dos comportamentos parentais parecem ser influenciados por características das crianças, tais como sexo, idade e temperamento. Hudson, Elek e Fleck (2001) encontraram valores significativamente elevados de satisfação parental nos pais de crianças masculinas, comparativamente com os de femininas, às 12 e 16 semanas; resultados também encontrados aos 12 meses de idade, quer ao nível da satisfação parental, quer da auto-eficácia (Elek, Kathy e McKee, 2005), podendo estar subjacente uma identidade de papéis de género ou outras razões, não investigadas.

A revisão sistemática da literatura realizada por Glabe, Bean e Vira (2005) aponta para a existência de relações entre stress marital dos pais e respostas de interacção diferentes baseadas no género da criança, com demonstração de maior hostilidade em direcção à criança e redução do envolvimento paternal, se reportado a filhas (Kerig et al., 1993; McHale, 1995); as mães tendem a avaliar mais negativamente a maternidade e criança quando esta chora muitas vezes, enquanto as interacções dos pais com crianças difíceis provocam ansiedade e mudanças no estilo de vida (Wilkie e Ames 1986).

Melhores experiências de coparentalidade foram também encontradas nos pais de crianças com um temperamento mais fácil (Egeren, 2004), mas a associação entre temperamento da criança e relação do casal não foi significativa no estudo realizado por Moller, Hwang e Wickberg (2008), assim como com as dinâmicas familiares Norueguesas (Lorensen, Wilson e White, 2004), sugerindo que uma criança com temperamento mais exigente não tem, necessariamente, de afectar negativamente a relação do casal.

Aos 4 meses de idade, Hudson, Elek e Fleck (2001) encontraram um significativo aumento da auto-eficácia paternal, que pode ser justificado pela experiência adquirida, pelo regresso laboral das mães e/ou pela idade da criança, socialmente mais interactiva, com menos necessidade de horas de sono e de alimentação e mais previsível.

Divisão de tarefas (trabalho doméstico versus trabalho remunerado)

Muitos estudos analisados por Glabe, Bean e Vira (2005) evidenciam a existência de uma relação significativa entre a carga de trabalho doméstico executado pelos esposos e o nível de satisfação marital (Kluwer et al., 1996; Ruble, Hackel, Fleming e Stanghor, 1988). No estudo de Moller, Hwang e Wickberg (2008), estas conexões foram apenas significativas quando correlacionadas com a satisfação marital das mulheres e não dos homens, o que pode indicar que mesmo que ambos experimentem trabalho doméstico semelhante, a divisão de trabalho parece desempenhar um papel mais decisivo na satisfação conjugal das mulheres. Kluwer et al. (1996, cit. por Glabe, Bean e Vira, 2005) já tinha evidenciado esta ideia, ao identificar esposas mais insatisfeitas e maiores conflitos maritais quando a realização do trabalho doméstico não encontrava expectativas de equidade nas esposas.

Glabe, Bean e Vira (2005) destacaram, ainda, outras questões da divisão de trabalho doméstico versus trabalho remunerado, nomeadamente que nesta transição, a mudança na execução nos papéis tradicionais de género reflecte a crescente preocupação dos pais com o seu papel ganhador de pão (Amstey e Whitbourne, 1987); os pais que estão envolvidos com a criança e família expressam envolvimento aumentado com o emprego, o que eles percebem como um meio de prover a sua família, (Cowan, 1987); e as mudanças na divisão do trabalho não parecem ser intencionais, i.e. os homens acabam por cuidar menos da criança e casa do que esperam e as mulheres acabam por fazer mais do que planeiam (Hackel e Ruble, 1992).

Feldman (2000) aponta para que a sensibilidade paternal está relacionada com o partilhar das responsabilidades domésticas e de cuidado à criança e com a quantidade de tempo passado com ela aos fins-de-semana; para as mães, a sua sensibilidade está muito relacionada com a partilha das responsabilidades entre os esposos. Estas, num dia típico de trabalho, passam quase 2,5 vezes mais horas com a criança do que os pais, e estas diferenças permanecem elevadas também aos fins-de-semana. Em 60 pais participantes foi insignificante o número dos que partilhou 50 % da responsabilidade da casa/cuidado infantil, e nenhum reportou uma participação superior a 50 %, evidenciando que estes cuidados estão longe de ser igualmente partilhados entre cônjuges, mesmo quando ambos exercem trabalho remunerado.

As horas de trabalho semanal da mãe influenciaram a relação entre a satisfação marital pré-natal do pai e o seu subsequente envolvimento (Lee e Doherty, 2007), i.e., quando as mães trabalharam mais horas por semana, a satisfação marital dos pais foi uma influência positiva na quantidade e qualidade do seu envolvimento, o que não se verificou quando as mães trabalharam menos horas. Egeren (2004) encontrou que as mães que se encontravam frequentemente a prestar mais cuidados do que anteciparam, viviam a experiência como menos suportável do que os pais, que se encontravam a prestar menos cuidados do que esperado; à medida que regressavam ao emprego e a divisão de cuidados se aproximava das suas expectativas, as mães tornavam-se mais satisfeitas.

Suporte e factores contextuais

As pesquisas revistas por Glabe, Bean e Vira (2005) encontraram que as experiências da família de origem estão relacionadas ao ajuste marital pós-natal (Cowan, 1988; Lane, Wilcoxon e Cecil, 1988), mas para além da família, outros casais são apontados como fonte importante de suporte (Cowan e Cowan, 1992). Adicionalmente, descobriram que muitas mães tiveram de sacrificar saídas sociais após o nascimento, mesmo as que conviviam com amigos chegados fora do trabalho (Cowan e Cowan, 1992); esta falta inesperada de suporte social deixaram algumas mães primíparas sentirem isolamento e vulnerabilidade, o que pode explicar a associação entre suporte social e depressão maternal diminuída, melhor relação marital e mais alta sensibilidade maternal (Crockenberg e McClusky, 1986).

Lu (2006) também confirmou os efeitos benéficos do suporte social na adaptação parental: Pais que receberam mais suporte tenderam a apresentar menos sintomas psicológicos e maior satisfação marital. As mulheres parecem receber mais suporte social do que os homens (Feldman, 2000; Lu, 2006) e uma associação entre suporte social e relação de casal foi encontrada no estudo de Moller, Hwang e Wickberg (2008).

Em termos de suporte profissional, os conselhos e a prontidão com que são fornecidos são aspectos-chave para a construção da confiança nas novas mães (Wilkins, 2006). Para além da necessidade de suporte prático com os cuidados ao bebé, muitas mães identificaram a necessidade de confirmar a normalidade das experiências e emoções com outros pares, o que parece sugerir que o foco profissional deve ser dirigido às necessidades individuais das mães de forma a construírem confiança e redes de suporte.

Nos desafios contextuais desta transição parece ser também importante incluirmos questões económicas. Rendimentos mais baixos dos pais estiveram significativamente relacionados com altos níveis de fadiga paternal durante a gravidez e às 4 e 8 semanas pós-parto, e com a fadiga maternal pré-natal (Elek, Hudson e Fleck, 2002). No estudo de Zayas, Jankowski e McKee (2005) não foi encontrada evidência de que o suporte social amortecesse o impacto da depressão na satisfação parental, nem foi identificado nenhum efeito significativo principal do suporte social na previsão da satisfação parental.
